

# Deslocação Local, Cliticização e *Spell Out* cíclico

PILAR BARBOSA  
(Universidade do Minho)

## Abstract

This paper examines the intricate pattern of clitic placement in European Portuguese and argues in favour of an approach that relies on two key ideas that have recently been explored in the framework of generative grammar: the idea that *Spell Out* is cyclic, at the *Phase* level (Chomsky, 2000), and the idea that there are movement operations that occur after the syntactic derivation, in the PF component, post Vocabulary Insertion/linearization, as is the proposed in the model of Distributed Morphology (Embick/Noyer, 2001).

## 1. Introdução

É sabido que o padrão de colocação dos pronomes clíticos em português europeu (PE) é altamente complexo: nuns casos, o pronome precede o verbo flexionado; noutros, segue-o. Em trabalho anterior, desenvolvido no quadro da Teoria dos Princípios e Parâmetros de Chomsky, 1981, 1986, 1995, propus que a generalização que se segue descreve adequadamente os contextos de ocorrência de ênclise e próclise em PE<sup>1</sup>:

---

<sup>1</sup> O problema da colocação dos clíticos pronominais em PE tem sido estudado por vários autores no quadro da Teoria dos Princípios e Parâmetros. Para visões diferentes do mesmo fenómeno, consultar, entre outros, Duarte, 1983; Rouveret, 1992; Madeira, 1992; Martins, 1994; Uriagereka, 1995; Raposo, 2000; Duarte/Matos, 2000; Costa/Martins, 2003; Raposo/Uriagereka, 2005.

(1) **Generalização** (Barbosa, 1993, 1996, 2000a,b)

Ênclise se e só se nenhum elemento com matriz fonética precede o complexo verbal no interior do CP mínimo que o contém (ou TP, se e só se CP não projecta). Próclise em todos os outros casos.

Conforme argumentado nos trabalhos referidos, os contextos de ênclise em que o complexo verbal não está em posição inicial absoluta envolvem adjunção de base a CP (ou TP se e só se CP não projecta) – é o caso dos advérbios de frase, das expressões em Deslocação à Esquerda Clítica (sujeitos ou argumentos internos) e da Topicalização em frases raiz.

Nesses mesmos trabalhos, defendi que (1) se deve a um efeito de «segunda posição». Este fenómeno, que é bastante comum e recorrente nos sistemas clíticos do mundo (cf. Halpern/Zwicky, 1996), consiste na impossibilidade de uma forma clítica ser o primeiro elemento de um dado domínio. No caso particular das formas clíticas pronominais do PE, propus que o domínio em causa seria o Sintagma Entoacional (IntP) e sugeri que esta restrição fosse formulada sob a forma de um Filtro actuando no nível da interface entre a Sintaxe e a Forma Fonética (FF):

(2) \* $[_{\text{IntP}} \text{cl V} \dots]$  IntP = *Intonational Phrase* 'Sintagma Entoacional'

No que respeita à sintaxe, propus que o pronome clítico é invariavelmente colocado à esquerda do núcleo flexional que contém o verbo, T, por hipótese:

(3) *Sintaxe*:  $[_{\text{CP}} [_{\text{cl}}] [_{\text{T}} [_{\text{T}} \text{V} [_{\text{T}} ]]]] [_{\text{VP}} \dots]$ 

Assumindo a teoria dos domínios prosódicos proposta por Selkirk, 1984, 1986, 1993; Nespor and Vogel, 1986, entre outros, propus que a fronteira esquerda de CP seria inicialmente alinhada com uma fronteira de IntP (podendo este processamento inicial estar sujeito a posterior reestruturação). Se o pronome é precedido, no interior do CP mínimo que o contém, por um elemento com matriz fonética, a derivação procede com próclise (cf. (4)). É o caso do exemplo (5):

(4) a. *Sintaxe*

$[_{\text{CP}} \mathbf{X} \text{cl V} \dots]$  em que X tem  
matriz fonética.

b. *Estrutura Prosódica*

•  $[_{\text{IntP}} \mathbf{X} \text{cl Y}]$

## (5) Quem a viu?

Se o pronome é o primeiro elemento com matriz fonética no interior de CP, o Filtro (2) seria violado no momento da interface entre a Sintaxe e a FF (cf. 6). Neste caso, a ênclise seria a opção escolhida (cf. 7).

(6) a. *Sintaxe* b. *Estrutura Prosódica*  
 $[_{CP} (\mathbf{X}) \text{ cl V} \dots ]$  em que X é nulo  $\Rightarrow$   $*[_{IntP} \text{ cl Y}]$

(7) a. \*a vi  
 b. Vi-a.

Nos trabalhos referidos, não é apresentada uma proposta explícita acerca da forma como a ênclise é derivada. Por outro lado, apesar de haver evidência empírica independente que sugere que a colocação dos pronomes clíticos é sensível a factores de ordem prosódica (cf. Frota/Vigário, 2002), a proposta de derivação de (1) a partir de (2) nos termos indicados incorre nos seguintes problemas.

Em muitos casos de ênclise, não há evidência de uma fronteira de IntP à esquerda do verbo. É o caso de grande parte das construções com sujeitos pré-verbais pronominais, por exemplo (cf. *Eles viram-na ontem*). Inversamente, há casos de próclise em que o clítico ocorre na fronteira esquerda de IntP. É o caso do exemplo que se segue, em que o pronome ocorre a seguir a uma parentética (exemplo de Vigário, 2003, pp. 56).

## (8) O João disse que, se tudo corresse bem, o viriam buscar cedo.

Em Barbosa, 2000a recorro à reestruturação de fronteiras prosódicas para fazer face a este problema: num primeiro momento, a fronteira esquerda de CP é alinhada com uma fronteira de IntP e é neste ponto que o Filtro em (2) se aplica. Posteriormente, a estrutura prosódica pode estar sujeita a reestruturação dependendo de uma variedade de factores (como tamanho do constituinte, conteúdo informacional, etc.). Esta solução, porém, não é plenamente satisfatória, já que há um desfasamento entre a natureza do Filtro (2) e o nível em que se aplica. Se a restrição em causa diz respeito a domínios prosódicos, deveria ser sensível a factores de ordem prosódica apenas e portanto ser indiferente à sintaxe. Contudo, o que na realidade observamos é que se torna necessário recorrer a um nível mais abstracto, em que a sintaxe está

acessível e determina o domínio do qual o pronome clítico não pode ser o primeiro elemento (CP ou TP se e só se C não projecta). Este facto exige uma reapreciação do modelo proposto.

Um outro aspecto que merece atenção é o que se prende com o facto de, neste modelo, a ênclise ser a opção escolhida em último recurso. Tal como notam Duarte/Matos/Faria, 1995, os dados de aquisição revelam que, apesar de haver produções de ênclise em contextos de próclise, o contrário não se verifica. A ausência de próclise em contextos de ênclise encaixa bem no modelo proposto e não é problemática. O que não decorre tão facilmente deste modelo é a emergência supérflua de uma configuração de último recurso.

O meu objectivo neste artigo é apresentar uma teoria alternativa de (1) que não incorre nos problemas mencionados.

## 2. Padrões de colocação do clítico e configurações sintácticas

Nesta secção faço uma breve descrição dos padrões de colocação do pronome clítico em PE em orações de tempo finito e examino as configurações sintácticas associadas a cada um deles concluindo que a generalização apresentada em (1) é empiricamente motivada.

### 2.1. Breve sinopse dos padrões de colocação dos pronomes clíticos em orações de tempo finito

Nesta subsecção faço uma breve apresentação dos dados relevantes para a discussão posterior.

#### 2.1.1. Ênclise

A ordem V-cl ocorre nos seguintes contextos.

- Verbo em posição inicial:

(9) Vimo-**lo** ontem.

- Construções SV(O), excluindo os casos em que o sujeito pertence a um conjunto restrito de expressões não referenciais quantificadas (ver abaixo):

(10) a. Ele/A Maria viu-**o**.

b. Alguns estudantes disseram-**me** que não podiam aparecer.

- Articulação Tópico/Comentário

- (11) a. *DEC*: Esses livros, dou-**tos** só amanhã.  
 b. *Topicalização*: Esses livros, dou-**te** *cv* só amanhã.

- Advérbios de Frase (*Frame adverbials*)

- (12) Agora/normalmente vejo-**a** todos os dias de manhã.

### 2.1.2. *Próclise*

Os contextos de ocorrência da ordem cl-V são os que a seguir se descrevem.

- I. Orações subordinadas introduzidas por um complementador:

- (13) Eu duvido que ele **a** visse. (Cf. Lamento terem-na visto)

- II. Sempre que os seguintes elementos precedem o verbo no interior do CP mínimo que o contém:

- Sintagmas-Qu

- (14) Quem **o** viu?

- Expressões não referenciais quantificadas (ENRQ)

- (15) *Quantificadores indefinidos não específicos*

- a. **Sujeitos**: Alguém/algum aluno **o** viu.  
 b. **Objectos**: Alguma coisa **lhe** disseram **t**, mas não sei o quê.

- (16) *Quantificadores negativos*

- a. **Sujeitos**: Nenhum aluno **se** esqueceu do livro  
 b. **Objectos**: Nenhum destes livros **te** posso dar **t**.

- (17) *Quantificador universal*

- a. **Sujeitos**: Todos **se** esqueceram do livro  
 b. **Objectos**: Tudo me recusaram.

(18) *DPs modificados por partículas de foco:*

- a. **Sujeitos:** Só o Pedro **o** viu.
- b. **Objectos:** Só isto **te** posso dizer agora.

- Negação frásica

(19) O João não/nunca **a** viu.

- Advérbios aspectuais

- (20) a. O Pedro já **o** viu.  
 b. Ela ainda **se** engana nas contas.  
 c. Ela sempre **se** enganou.

## 2.2. Configurações sintácticas

Nesta secção faço uma breve apresentação do que considero serem as configurações sintácticas associadas a cada um dos padrões de colocação dos pronomes clíticos. Começarei por abordar as frases raiz com a estrutura *XP-(cl)V(cl)* em que *XP* é um argumento interno, i.e., construções que envolvem a colocação de um objecto no início da frase.

### 2.2.1. Frases raiz com a estrutura *XP-(cl)V(cl)* em que *XP* é um argumento interno

No que respeita a estes contextos, há que fazer duas observações. Em primeiro lugar, verificamos que a ênclise é o padrão observado nas construções de Tópico-Comentário, sejam elas a Deslocação à Esquerda Clítica (DEC) (cf. 11a) ou a Topicalização (cf. (11b)). Em segundo lugar, verificamos que o conjunto de expressões que desencadeia a próclise – independentemente do seu estatuto enquanto sujeitos ou objectos – coincide com o conjunto de expressões que não podem ocorrer em DEC: sintagmas quantificacionais com um quantificador universal (cf. (21a)), negativo (cf. (21b) ou existencial não específico (como *algum* + nome contável) (cf. (21c) e expressões nominais introduzidas por operadores de foco (cf. (21d) não podem ocorrer em construções de redobro, como se indica a seguir:

- (21) a. \*Tudo **mo** recusaram.  
 b. \*Nenhuma resposta<sub>i</sub> **ma** deram até hoje.  
 c. \*Alguém<sub>i</sub> / algum aluno ela **o** viu, mas não sei quem.  
 d. \*Até o Pedro, **o** vi ontem.

Apesar de estas expressões não poderem ocorrer em DEC, podem ser antepostas (deixando uma categoria vazia na posição de base). Neste caso, a próclise é a única opção possível:

- (22) a. Tudo me recusaram  $cv_i$   
 b. Nenhuma resposta<sub>i</sub> me deram  $cv_i$  até hoje.  
 c. Alguém<sub>i</sub> / algum aluno ela viu  $cv_i$ , mas não sei quem.  
 d. Até o Pedro<sub>i</sub> vi  $cv_i$  ontem.

Os dados em (21-22) têm uma explicação simples: uma vez que estas expressões não têm valor referencial, não podem ser usadas como tópicos discursivos nem podem estabelecer uma relação de co-referência com o redobro pronominal; isto é, nem podem ser topicalizadas nem ocorrer em DEC. Em Barbosa, 1996, 2000, adopto a análise da DEC de Chomsky, 1977; I. Duarte, 1987; Iatridou, 1991; Raposo, 1994, 1996, segundo a qual os DPs em DEC são **gerados na base** numa posição de adjunção, podendo ocorrer em adjunção a CP ou TP:

- (23) *Adjunção a CP:*

[<sub>CP</sub> [Este livro]<sub>i</sub> [<sub>CP</sub> quando é que **o**<sub>i</sub> vais ler ] ]?

- (24) *Adjunção a TP:*

Disseram-me que [<sub>TP</sub> [este livro]<sub>i</sub> [<sub>TP</sub> **o**<sub>i</sub> vão ler amanhã] ]

No que se refere à Topicalização, adopto a análise de Raposo, 1996 que defende que o tópico também é gerado na base numa posição de adjunção e o que se move é um operador nulo<sup>2</sup>:

- (25) *Topicalização:* [DP]<sub>k</sub> [<sub>CP/TP</sub>  $Op_k$  V t<sub>k</sub> ... ]

- (26) [O livro]<sub>k</sub> [<sub>CP/TP</sub>  $Op_k$  dou-te t<sub>k</sub> amanhã ]

<sup>2</sup> I. Duarte 1987, no seu estudo detalhado da Topicalização, propõe também que a Topicalização envolve adjunção a CP ou TP, embora rejeite a ideia de que há movimento de um operador nulo.

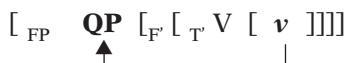
Para Raposo, tanto a DEC como a Topicalização envolvem um tópico gerado na base numa posição de adjunção a TP ou CP. O tópico é interpretado por «regras de predicação» sendo que TP ou CP contêm uma posição «aberta», necessária para que o constituinte oracional possa ser interpretado como um predicado. O que distingue a Topicalização da DEC é o movimento do operador nulo (cf. também Chomsky, 1977). Na DEC, não há movimento na sintaxe: o clítico fornece a posição aberta necessária (cf. (23/24)). Na Topicalização, há movimento de uma categoria pronominal – um  $D^0$  na proposta de Raposo, 1996 – da posição em que é gerada para uma posição A-barra (cf. (25/26)).

Reconsideremos agora os exemplos com expressões quantificadas não referenciais, como (22). Estes são semelhantes aos exemplos com extracção de constituintes interrogativos, que também são incompatíveis com um clítico e exigem a próclise:

(27) \*Que resposta ta deram?

Por esta razão, em Barbosa, 1993 propus que exemplos como os transcritos em (22) envolvem extracção (isto é, movimento A-barra) do objecto para uma posição de especificador na periferia esquerda da frase<sup>3</sup>. Desta forma, as frases em (22) do PE terão a seguinte representação abstracta em que o quantificador se move por substituição para a posição de especificador de uma projecção funcional situada na periferia esquerda da frase.

(28) *Anteposição de expressões não referenciais quantificadas (ENRQ)*



<sup>3</sup> Todos os autores que trabalharam acerca de construções do tipo exemplificado em (22) acima têm convergido em torno da ideia de que há extracção nestes casos embora haja divergências quanto às designações usadas para referir este tipo de movimento. Assim, para Raposo, 1994, 1996 (e também Zubizarreta, 1998) trata-se de movimento enfático, Martins, 1994 e Uriagereka, 1995 adoptam a designação de movimento de Foco e Barbosa, 2000, na esteira de Vallduvi, 1992, usa simplesmente a designação genérica de movimento A-barra.

Sem querer entrar em detalhes acerca das motivações para estas divergências, o que importa salientar aqui é que estas expressões não referenciais quantificadas são antepostas por movimento para uma posição na periferia esquerda da frase, facto que explica a sensibilidade a ilhas fracas (cf. ib)) contrariamente ao que sucede com a DEC ou a Topicalização (cf. ii):

- (i) a. Já sei quem não quer fazer nada.  
b. \*Nada já sei quem não quer fazer.
- (ii) Esse trabalho, já sei quem (o) quer fazer.



A anteposição de expressões não referenciais quantificadas (ENRQ) distingue-se claramente da DEC e da Topicalização por não configurar a articulação Tópico-Comentário. Com efeito, o que caracteriza este tipo de movimento é afectar unicamente as expressões que não têm valor referencial e que, por conseguinte, não podem ser tópicos discursivos.

Em síntese, são propostas as seguintes configurações sintácticas para os diferentes processos de «colocação» de um argumento interno na periferia esquerda da frase em português (para mais argumentos em favor das estruturas propostas, consultar Barbosa, 2000, 2001, 2006b):

(29) *Extracção A-barras – restrita a expressões não referenciais quantificadas (ENRQ)*

$$[{}_{FP} \text{ } \underset{\uparrow}{\text{QP}} [{}_{F'} [{}_{T'} \text{V} [v]]]]$$

(30) *DEC:*  $[ \text{DP} ]_i [{}_{TP/CP} [{}_{T'} \text{V} \text{cl}_i \dots ]]$

*Topicalization:*  $[ \text{DP} ] [{}_{CP/TP} \underset{\uparrow}{Op}_k [ \text{V} \dots v_k \dots ]]$

Desta forma, podemos reduzir às seguintes configurações os contextos de ocorrência da próclise e da ênclise em frases raiz com um objecto em posição inicial (em (31A) deixamos em aberto a possibilidade de as frases raiz não projectarem um CP, mas essa questão não é crucial para a questão em apreço):

(31)

		<b>Padrão</b>	<b>Estrutura</b>
<b>A</b>	DEC Topicalização	V-cl	$[ \text{XP} ] [{}_{CP/TP} \text{V} \dots ]$
<b>B</b>	Movimento de ENRQ Movimento <i>Qu</i>	cl-V	$[{}_{CP} \underset{\uparrow}{\text{XP}}_i \text{V} \dots v_i \dots ]$

O Padrão A corresponde à ênclise: o DP que antecede o complexo verbal é gerado na base numa posição de adjunção a CP (ou TP sse as frases raiz não projectam até ao nível de CP). O Padrão B ocorre nos casos em que há movimento *Qu* ou movimento de ENRQ. Como

vimos, as ENRQ movem-se para a posição de Especificador de uma projecção funcional situada na periferia esquerda da oração, no interior de CP (a posição exacta do ponto (ou pontos) de chegada deste movimento não é directamente relevante aqui; basta observar que, seja qual for a referida posição, está situada no interior de CP).

### 2.2.2. *Sujeitos pré-verbais*

Reconsideremos agora os sujeitos. Afirmámos acima que as expressões que desencadeiam a próclise são as mesmas que são incompatíveis com a DEC, mas mencionámos apenas exemplos com a DEC de objectos; porém, o mesmo se verifica relativamente à DEC de sujeitos. Assim, quando consideramos uma língua como o francês, em que a DEC de sujeito é visível através da realização do redobro pronominal, verificamos que as expressões referenciais podem ocorrer em DEC; as expressões não referenciais, como *quelq'un* 'alguém' ou *personne* 'ninguém', não podem:

(32) Pierre, il n'a rien dit.

(33) a. \**Quelq'un* il vien.  
b. *Quelq'un* vien.

(34) a. \**Personne* il n'a rien dit.  
b. *Personne* n'a rien dit.

Os mesmos contrastes se verificam em Português do Brasil (PB), língua em que a DEC de sujeito é frequente (Duarte, 1995).

- *Português do Brasil*

(35) a. A Clarinha ela cozinha que é uma maravilha.  
b. \**Ninguém* ele disse isso.

A correlação entre a ênclise e a compatibilidade com a DEC é particularmente visível em PB no caso das descrições indefinidas e das relativas livres. Em PE, estas expressões desencadeiam a ênclise (cf. *Um homem comum engana-se frequentemente* ou *O que é bom agrada-me*). Do mesmo modo, estas expressões podem ocorrer em construções de redobro em PB:

(36) *Exemplos de Duarte (1995)*

- a. Eu acho que um trabalho ele teria que começar por aí.
- b. Um homem comum ele tem um conforto compatível com a dignidade de uma pessoa humana, entendeu?
- c. O que é bom, o que é de qualidade ele fica; o que é ruim ele se perde. (Rádio CBN)

Estes dados levantam as seguintes questões:

- por que razão há esta correlação, i.e., por que razão será a colocação do pronome sensível ao grau de referencialidade do sujeito?
- se os sujeitos pré-verbais se movem para a posição canónica, Spec-TP, como podem ser explicadas as diferenças entre os dois tipos de expressões?

Uma variedade de estudos (Rigau, 1987; Vallduví, 1990, 1992; Solà, 1992; Barbosa, 1993, 1995, 1996, 2000; Alexiadou/Anagnostopoulou, 1998; Pollock, 1997; Kato, 1999) tem vindo a argumentar que as construções SV(O) nas Línguas de Sujeito Nulo (LSN) diferem das construções SV(O) nas línguas sem sujeito nulo não apenas do ponto de vista informacional, mas também de um ponto de vista estritamente estrutural. Para estes autores, a verdadeira posição temática do sujeito nas LSN é a posição pós-verbal. As construções SV(O) nestas línguas não envolvem nunca movimento-A do sujeito para [Spec,TP] e são antes o resultado da aplicação de mecanismos independentemente atestados de anteposição de argumentos, tais como a Deslocação à Esquerda do sujeito ou o movimento A-barra.

Em Barbosa, 1995, 1996, 2000a, 2006a apresentei argumentos de vária ordem a favor desta análise. Em particular, defendi a ideia de que em (37a) abaixo o DP *o João* é o sujeito temático e que em (37b) não o é.

- (37) a. Telefonou o João
- b. O João telefonou.

A derivação de (37a) envolve elevação do verbo para T e o sujeito permanece na posição de base na sintaxe visível (Ordóñez, 1998 e Costa, 1998, entre muitos outros, argumentam a favor da ideia de que o sujeito pós-verbal permanece na posição em que é gerado na base tanto na ordem VOS como na ordem VSO):

- (38) [ <sub>TP</sub> [ <sub>T</sub> telefonou<sub>i</sub> [ <sub>SV</sub> o João t<sub>i</sub> ] ] ]

(37b) deverá ser analisada tal como se ilustra em (39): o DP *o João* está numa posição de Deslocação à Esquerda, i.e., é *gerado na base* numa posição de adjunção a TP ou CP e é redobrado por *pro*, o verdadeiro sujeito argumental<sup>4</sup>:

(39) [ <sub>TP/CP</sub> *o João*<sub>i</sub> [ <sub>TP/CP</sub> telefonou [ <sub>VP</sub> *pro*<sub>i</sub> ... ] ] ]

Em (39), o DP *o João* é legitimado por «regras de predicação» na acepção de Chomsky, 1977: TP contém uma posição «aberta» (*pro*, uma categoria pronominal sem referência independente) satisfeita pela entidade referida pelo DP em DE.

Em Barbosa, 1995 a explicação para a não elevação do sujeito para [Spec, TP] nas LSN deve-se ao facto de a concordância verbal nestas línguas ser nominal [+N]). Sendo [+N], é capaz de verificar o traço D/N de T (ou, por outras palavras, o *Extended Projection Principle* (EPP)). Por esta razão, o sujeito lexical não é atraído para [Spec,TP] na sintaxe visível. Sendo assim, os sujeitos pré-verbais têm apenas duas alternativas: ou estão em posição de DEC (sendo redobrados por uma categoria vazia em posição argumental, *pro*), à qual corresponde a ênclise


(40) a. A Maria viu-o.

b. [A Maria]<sub>i</sub> [ <sub>CP/TP</sub> viu-o *pro*<sub>i</sub> ]

ou, se fazem parte do conjunto de expressões que não podem ser deslocadas, são movidos para a posição pré-verbal por movimento A-barra, configuração que corresponde à próclise (cf. (41b) (em (41b) utilizamos o termo neutro FP para designar a projecção funcional que serve de ponto de chegada ao movimento do quantificador; para efeitos da presente discussão, basta perceber que, em (41b), o quantificador ocupa uma posição interna a CP):

(41) a. Ninguém o viu.

b. [ <sub>FP</sub> [ Ninguém ] o viu *v* ]



<sup>4</sup> Sempre que falamos em DE numa língua como o PE estamos tecnicamente a referir-nos à construção com as propriedades da Deslocação à Esquerda Clítica (DEC) descrita por Cinque, 1990.

Para detalhes sobre a análise, consultar Barbosa, 1995, 2000; e para uma resposta aos contra-argumentos de Costa, 2001 e Costa e Duarte, 2002, consultar Barbosa, 2006a.

Esta hipótese tem a enorme vantagem de reduzir drasticamente os contextos indutores de próclise e ênclise: (40b) é configuracionalmente idêntica à estrutura apresentada na coluna direita de A em (31); (41b) reduz-se a B. Desta forma, chegamos à seguinte simplificação dos contextos indutores de ênclise e próclise nos exemplos até aqui mencionados:

(42)

	<b>Padrão</b>	<b>Estrutura</b>
<b>A</b>	V-cl	[ <b>XP</b> ] [ <sub>CP/TP</sub> ... V <b>cl</b> ... ]
<b>B</b>	cl-V	[ <sub>CP</sub> <b>XP</b> ... <b>cl</b> V ... ]

### 2.2.3. Advérbios

Tal como sucede com os argumentos, os advérbios dividem-se em dois grupos consoante desencadeiam próclise ou ênclise:

- (43) a. Amanhã vejo-a / \* a vejo  
 b. Nunca\já a vi / \*vi-a

*Grosso modo*, poder-se-á afirmar que os advérbios de âmbito frásico desencadeiam a ênclise e os aspectuais, como *já* ou *ainda*, exigem próclise. Em Barbosa, 2000, noto que os advérbios que desencadeiam a ênclise podem ocorrer em estruturas de recomplementação (cf. 44a); os advérbios que desencadeiam a próclise não podem ocorrer neste tipo de construção (cf. (44b)):

- (44) a. Acho **que** amanhã/hoje **que** vai haver reunião.  
 b. \*Acho **que** nunca\já **que** a vi.

No referido artigo, mostro que os constituintes que podem ocorrer entre os dois complementadores em estruturas de recomplementação

são os tópicos discursivos, nomeadamente sujeitos ou objectos em DEC, objectos topicalizados e advérbios de âmbito frásico (*frame adverbials*) (veja-se também Raposo, 1996). Dito por outras palavras, surgem em estruturas de recomplementação os elementos que podem ocorrer em posição de adjunção à projecção frásica que deles é predicada. Com efeito, uma rápida busca nos *corpora* de fala do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa revela que a recomplementação com sujeitos e advérbios é extremamente frequente na fala. A seguir, transcrevo alguns dos exemplos encontrados no *corpus* do Português Fundamental (PF) (*Corpus* de Referência do Português Contemporâneo, CLUL):

- *Sujeitos*

- (45) a. ele disse que *o pai* que tinha muitas coisas dessas lá em casa (PF – 0032)  
 b. acho que *uma pessoa* que deve desfrutar da vida o melhor que puder (PF 0130)  
 c. eu julgo que *o senhor professor* que esteve no seminário (PF 0012)  
 d. eu acho que *ele* que não tem é grande queda para estudar (PF 0520)

- *Advérbios*

- (46) a. dizem que *hoje* que é a melhor máquina que há aí (PF)  
 b. nem disseram que *lá fora* que lhes disseram para não vir (PF)  
 c. e ele diz que não, que *agora* que fica cá [ortot.txt, *corpus* do DCP (Dicionário de Combinatórias do Português), CRPF]

É interessante verificar que, de um total de 52 ocorrências de recomplementação, 39 são com sujeitos. Os outros casos são com expressões adverbiais (Barbosa 2006). Desta forma, a análise proposta para (43a) acima é a indicada em (47), em que o advérbio está numa posição de adjunção à projecção frásica que dele é predicada, tal como sucede com os sujeitos referenciais. Como no caso dos tópicos, o advérbio pode estar em adjunção a CP ou TP. Deixando em aberto a possibilidade de as frases raiz poderem não projectar até ao nível de CP, chegamos à seguinte representação:

- (47) [Amanhã] [<sub>CP/TP</sub> ...V ...]

A configuração em (47) corresponde ao padrão A da tabela (42). Os advérbios que não podem ocorrer em estruturas de recomplementação como os aspectuais *já*, *ainda*, ou de negação, como *nunca*, *jamais*, etc. ocupam uma posição no interior de CP. Por conseguinte (43b) acima tem a estrutura que se segue:

(48) [<sub>CP</sub> Nunca a vi]

(48) corresponde ao padrão B da tabela (42). Integrando assim as estruturas com expressões adverbiais, obtemos a tabela em (49), que reduz a duas configurações sintáticas as diversas opções de frases raiz com a forma *XP-(cl) V (cl)*.

(49) *Configurações sintáticas e colocação do clítico em frases raiz com a forma XP- (cl) V (cl)*

		<b>Padrão</b>	<b>Estrutura</b>
<b>A</b>	DEC Topicalização Advérbios de Frase	V-cl	[ <b>XP</b> ] [ <sub>CP/TP</sub> ... V ... ]
<b>B</b>	Movimento de ENRQ Movimento Q Advérbios aspectuais	cl-V	[ <sub>CP</sub> <b>XP</b> ... V ... ]

#### 2.2.4. Outras construções

Como vimos, a ênclise é a única opção sempre que o complexo verbal ocorre em posição inicial absoluta e a próclise é o padrão verificado em orações introduzidas por um complementador com realização lexical.

(50) *Complexo verbal em posição inicial:*

\***O** viu / viu-**O** o João.

(51) *Orações introduzidas por um complementador:*

- a. Eu duvido que a tenham/ \* tenham-na visto.
- b. Eles que a tragam / \*tragam-na.

Os contextos referidos correspondem, respectivamente, às seguintes configurações abstractas:

- (52) a. Configuração correspondente a (50):  $[_{CP/TP} \mathbf{V} \dots ]$   
 b. Configuração correspondente a (51):  $[_{CP} \mathbf{Comp} \dots \mathbf{V} \dots ]$

Integrando (52a,b), obtemos as seguintes configurações sintácticas abstractas para cada um dos padrões de colocação do clítico:

(53)

Ênclise	Próclise
I. $[_{CP/TP} \mathbf{XP} \dots \mathbf{V} \dots ]$	I. $[_{CP} \mathbf{XP} \dots \mathbf{V} \dots ]$
II. $[_{CP/TP} \mathbf{V} \dots ]$	II. $[_{CP} \mathbf{Comp} \dots \mathbf{V} \dots ]$

Como se pode verificar, o que distingue as configurações da coluna direita das da coluna esquerda é a presença *vs.* ausência de um constituinte com matriz fonética à esquerda do complexo verbal no interior do CP mínimo que o contém (ou TP, no caso de C não projectar). Desta forma, chegamos à generalização empírica introduzida na introdução e aqui repetida em (54):

- (54) Ênclise sse nenhum elemento com matriz fonética precede o complexo verbal no interior do CP mínimo que o contém (ou TP, sse CP não projecta). Próclise em todos os outros casos.

Uma vez estabelecido que a generalização em (54) é empiricamente adequada, passo à apresentação de uma nova proposta de análise que não incorre nos problemas mencionados na Introdução a propósito da análise de Barbosa, 1996, 2000.

### 3. Uma nova proposta de análise

#### 3.1. Assunções

Nesta subsecção apresento os pressupostos teóricos em que assenta a análise que proponho na subsecção 3.2.



Em primeiro lugar, adopto a sugestão de Chomsky, 2000, 2001 de que a derivação sintáctica é construída de baixo para cima sendo que a passagem da sintaxe para a Forma Fonética (FF) se dá de forma cíclica, por domínios sintácticos denominados **Fases** (CP e vP).

Em segundo lugar, assumo os pressupostos da **Morfologia Distribuída** (MD) (Halle/Marantz, 1993, Embick/Noyer, 2001). Neste modelo, os nós terminais da derivação sintáctica (**Morfemas**) são feixes de traços abstractos relevantes apenas para a sintaxe, sem informação fonológica ou morfológica. É só no momento de *Spell Out* que são inseridas as matrizes fonológicas de cada morfema consoante os **Itens Vocabulares** da língua. Este processo toma a designação de **Inserção Vocabular**.

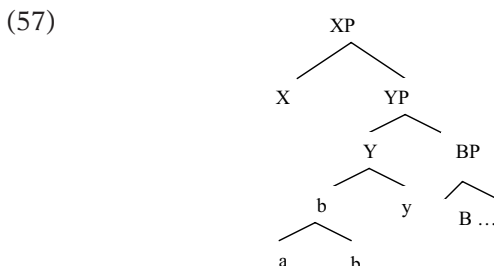
No momento da Inserção Vocabular, a estrutura hierárquica gerada pela sintaxe é linearizada e há um pequeno conjunto de operações que podem alterar a ordem dos morfemas gerada pela sintaxe. Uma destas operações é a Deslocação Local que consiste na afixação de um nó terminal a outro que com ele estabeleça a relação de adjacência. O processo de fusão morfológica por Deslocação Local aplica-se sobre estruturas já linearizadas (i.e., após a linearização) e substitui uma relação de adjacência por uma relação hierárquica como se indica a seguir:

(55)  $X*Y \rightarrow [[Y] X]$  (\* indica a relação de adjacência)

Os átomos manipulados pela operação de Deslocação Local são de dois tipos, a **Palavra Morfológica** (Palavra-M) e a **Sub-palavra**, assim definidas:

- (56) a. *Palavra Morfológica – Palavra-M*  
 Núcleo (potencialmente complexo) não dominado por outro núcleo.  
 b. *Sub-palavra*  
 Nó terminal contido numa Palavra-M

Na representação em (57), X e Y são Palavras-M; b, y, a e b são Sub-palavras:



Um aspecto central da proposta de Embick/Noyer, 2001 é que a fusão por Deslocação Local pode apenas relacionar morfemas do mesmo tipo: uma Palavra-M só se pode fundir com outra Palavra-M e uma Sub-palavra só se pode fundir com outra Sub-palavra. Assumindo que X e Y em (54) são duas Palavras-M, a Deslocação Local introduz a informação hierárquica de que Y está em adjunção a X; em consequência, X deixa de ser uma Palavra-M para passar a ser uma Sub-palavra.

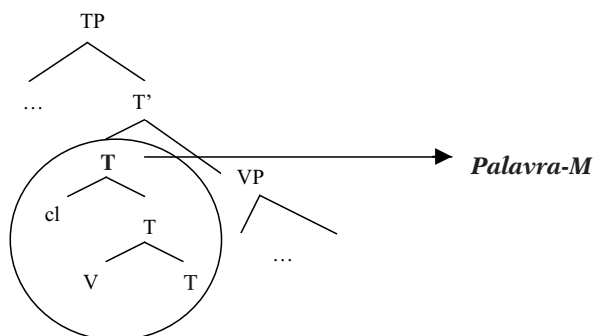
### 3.2. *Análise*

Regressando agora aos clíticos pronominais em PE, assumo que, na Sintaxe, as formas clíticas pronominais ocorrem à esquerda de T (cf. Raposo, 2000, Raposo/Uriagereka (2005); Martins, 1994; Costa e Martins, 2004, entre outros):

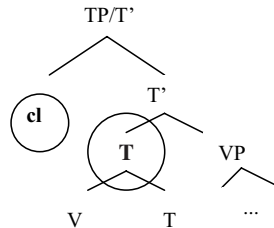
(58) *Sintaxe*: [<sub>TP</sub> cl [<sub>T</sub> [<sub>T</sub> V [ T ] ] [ <sub>VP</sub> ... ] ] ]

Na linha de Barbosa, 1993, 1996, proponho que o que distingue os pronomes clíticos do PE dos do espanhol ou do italiano é o facto de não serem dominados pelo núcleo que contém o verbo (T) (note-se que assumo que V sobe para T nas línguas românicas); por outras palavras, o clítico e a flexão verbal não formam uma Palavra-M (cf. também Magro, 2008). (59) ilustra a colocação do pronome clítico em línguas como o italiano ou espanhol. Como proposto por Kayne, 1991, a forma clítica está em adjunção ao núcleo que contém o verbo (T). Por conseguinte, o clítico e V em T formam uma única Palavra-M.

(59) *Italiano ou espanhol (Kayne, XXXX): o clítico e V em T formam uma única Palavra-M*



(60) PE: o clítico e T não formam uma única Palavra-M



Em Barbosa, 1996 adopto a ideia de que o clítico está em adjunção a TP, mas uma outra possibilidade é a de estar em Spec-TP. Em qualquer dos casos, a ideia de que não há adjunção ao núcleo funcional que contém o verbo tem o potencial de explicar a possibilidade de interpolação da negação em PE por oposição às restantes línguas românicas de SN (para uma discussão mais detalhada deste assunto, consultar Barbosa, 1993, 1996 e Magro, 2008):

- (61) a. Gostaria que o não fizesses. [Exemplo citado em Vigário, 2003]  
 b. Apenas te não digo uma coisa.

A proposta que quero fazer neste artigo é a seguinte. Precisamente por não formar, na sintaxe, uma palavra morfológica com o núcleo funcional que contém o verbo, é no nível pós-sintático que o clítico se vai colocar numa posição de adjunção à Palavra-M que o segue imediatamente (constituída pelos nós terminais dominados por T: o verbo e seus afixos) i.e., o clítico está sujeito a Deslocação Local:

- (62)  $cl^*[_T V+T] \rightarrow [[_T V+T] cl]$

O resultado desta operação é a ênclise. Crucialmente, este processo de fusão por Deslocação Local tem lugar depois da linearização, no momento da Inserção Vocabular, uma vez que é sensível a propriedades que são fornecidas apenas após a Inserção Vocabular: no caso da terceira pessoa da forma acusativa, a escolha do alomorfo apropriado, *lo(s)/no(s)/os*, é contextualmente determinada e sensível aos traços fonológicos do segmento final da forma verbal (cf. Vigário, 2003).

Nas secções anteriores, procurei demonstrar que a ênclise ocorre apenas nos contextos em que o clítico é o primeiro elemento com matriz fonética no interior de CP. Assumindo, nos termos de Chomsky,

2000, que CP constitui uma Fase, então podemos afirmar que (62) apenas se aplica no contexto em que o clítico está situado na periferia da Fase.

A ideia de que o processo de afixação do clítico é definido sobre estruturas linearizadas tem a potencialidade de explicar esta distribuição restrita da ênclise. Na sua formulação original do processo de afixação morfológica sob adjacência, Marantz, 1988 procura restringir este processo aos casos em que o elemento que troca de posição ocupa uma posição periférica. A motivação para esta restrição está em que é apenas nestes casos que a operação não destrói as relações de adjacência previamente estabelecidas entre o afixo/clítico e um elemento à sua esquerda/direita. Considere-se a estrutura em (63):

- (63) a.  $(X^* (Y^*Z...)$   
 b.  $(W^*(X^*Y...)$

Nos termos de Marantz, 1988, X pode afixar-se a Y em (63a) sendo que o resultado é  $[Y [X]]^*Z$ ; em (63b), porém, há um problema: a relação de adjacência entre  $W^*X$  é destruída se X é colocado em adjunção a Y, à sua direita, uma vez que, depois da afixação, X não está em posição de satisfazer essa relação:

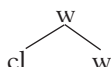
- (64)  $\bullet W^*[Y [X]]$

Embick (2006) formula a restrição em causa nos seguintes termos:

- (65) **Consistência:** as relações de concatenação são mantidas e não podem contradizer-se.

Por hipótese, a gramática do português obedece a (65). Daí a generalização em (54): a Deslocação Local é bloqueada nos casos em que, no interior da Fase, o clítico é precedido por um elemento com matriz fonética. Para estas situações proponho que a adjunção se dá num nível mais tardio da derivação, o nível Prosódico. Neste caso, por hipótese, o clítico adjunge à Palavra Prosódica que o segue, tal como sucede com as outras formas clíticas não pronominais como proposto em Vigário (2003)).

- (66)



Nos casos em que o clítico ocupa a periferia esquerda da Fase, a Deslocação Local pode aplicar-se sem que haja violação da Consistência. Neste ponto, a ideia de que *Spell Out* é cíclico e procede por Fases torna-se crucial. Embick, 2006 nota que há casos de Deslocação Local com alteração da ordem dos nós terminais em posições não periféricas, mas deixa em aberto a possibilidade de tais casos poderem ser explicados em termos da teoria das Fases e é essa a ideia que eu pretendo explorar aqui. Uma vez que a passagem para a FF (*Spell Out*) é cíclica, todo o material que está fora da Fase – isto é, acima de CP ou acima da projecção funcional mais alta sse C não projecta) – é incorporado em ciclos posteriores. Por conseguinte, é irrelevante para a aplicação da Deslocação Local: no momento em que a Deslocação Local tem lugar, o clítico não estabelece uma relação de adjacência com qualquer elemento à sua esquerda.

### 3.3. *Consequências para a aquisição*

Recorde-se que os dados da aquisição de Duarte/Matos/Faria, 1995 revelam uma tendência para o uso da ênclise em contextos de próclise e não o contrário. No quadro da abordagem aqui proposta, a opção pela ênclise pode ser explicada em termos da assunção de que o princípio da Consistência (65) é adquirido numa fase tardia do processo de aquisição.

Esta sugestão permite ainda dar conta de outro tipo de dados de aquisição mencionados em Duarte/Matos/Faria, 1995. As autoras mencionam exemplos com reduplicação da forma clítica como os que se indicam a seguir (a este propósito, ver também Magro, 2008).

(67) *Reduplicação* (Duarte/Matos/Faria, 1995):

Não te engasgas-te nada! (29 meses)

No quadro da abordagem aqui proposta, a reduplicação surge como uma forma de satisfazer simultaneamente (62) e (65): graças à reduplicação, o processo de afixação tem lugar sem que haja violação do Princípio da Consistência.

### 3.4. *Por quê Deslocação Local com adjunção à direita?*

No modelo da MD, o processo de fusão por Deslocação Local não implica necessariamente a alteração da ordem dos morfemas. Assim,

a Deslocação Local pode não dar lugar a inversão, como se indica a seguir:

(68)  $X*Y \rightarrow [X [Y]]$

Em (68) há afixação «vácuca» do núcleo X a Y. Deste modo, uma questão que se levanta é saber por que razão a adjunção à direita é a opção escolhida no momento de aplicação da DL. A resposta que apresento para esta questão baseia-se na intuição de que a opção pela adjunção à direita se deve a restrições de ordem prosódica.

Como foi referido na Introdução, em trabalhos anteriores propus a existência de um Filtro Prosódico em PE segundo o qual as formas clíticas pronominais não poderiam ocupar a primeira posição do Sintagma Entoacional. Porém, como vimos, a tentativa de derivação da ênclise directamente a partir do referido filtro enfrenta problemas, alguns dos quais foram mencionados na Introdução. Não obstante isto, Frota, 2000, Frota e Vigário, 2000 e Vigário, 2003 apresentam evidência que sugere que a posição inicial de IntP é, de facto, uma posição «forte». Mais concretamente, certos morfemas funcionais assumem uma realização «forte» quando situados à direita de uma fronteira de IntP e uma realização «fraca» quando situados no interior de IntP. Vigário, 2003: 311 coloca a hipótese de este facto estar relacionado com a emergência da ênclise em PE: «... our hypothesis is that I-initial prominence may have played a role in the emergence of the enclitic pattern presently found in EP».

Do mesmo modo, sugiro que a emergência em PE de uma regra de Deslocação Local com adjunção à direita está relacionada com a proeminência da posição inicial de IntP. Uma vez que, em PE, há uma grande número de frases com sujeito nulo e verbo em posição inicial, seriam numerosos os contextos em que a forma clítica ocuparia a posição inicial de IntP caso não houvesse adjunção à direita. Porém, contrariamente ao proposto em Barbosa, 2000, não assumo que a gramática do PE contém qualquer mecanismo que relacione directamente a estrutura prosódica com a linearização da forma clítica pronominal. A minha sugestão é que a gramática do PE contém a regra de fusão morfológica por Deslocação Local tal como ela está formulada em (62), e é tudo. Factores independentes (o Princípio da Consistência) restringem a aplicação de (62) à periferia da Fase.

#### 4. Conclusões

Em síntese, as conclusões deste artigo são as seguintes:

Na sintaxe, os clíticos pronominais do PE são núcleos não dominados por outro núcleo, i.e., são Palavras-M e não Sub-palavras (contrariamente aos clíticos do castelhano, italiano, etc.).

(68) *Sintaxe*:  $[_{TP} \text{ cl } [_{T'} [_{T} \text{ V } [ \text{ T } ] ] ] [_{VP} \dots ] ] ]$

A adjunção do clítico ao hospedeiro dá-se no nível pós-sintático:

1. No momento da Inserção Vocabular, imediatamente após a linearização:

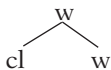
(69) *Adjunção a T, à direita, sob adjacência*:

$\text{cl}^*[_{T}\text{V}+\text{T}] \rightarrow [ [ \text{ }_{T}\text{V}+\text{T} ] \text{cl} ]$

O resultado deste movimento é a colocação do pronome à direita dos núcleos dominados por T, i.e., à direita do verbo e seus afixos. Este movimento restringe-se aos casos em que o clítico ocupa a fronteira esquerda da Fase, devido ao princípio da Consistência.

2. Nos casos em que (69) é bloqueada, isto é, sempre que, no interior da Fase, o clítico é precedido por um elemento com matriz fonética, a adjunção dá-se num nível mais tardio, após a construção de domínios prosódicos (cf. Vigário, 2003):

(70)



#### Bibliografia

- ALEXIADOU, Alexiadou / Elena Anagnostopoulou (1998), «Parametrizing AGR: Word Order, V-Movement and EPP-Checking», *NLLT* 16, pp. 491-539.
- BARBOSA, Pilar (1993), «Clitic Placement in Old Romance and European Portuguese», in *CLS 29: Papers from the Twenty-Ninth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*. Chicago, University of Chicago.
- \_\_\_\_\_, (1995), *Null Subjects*, Ph.D. dissertation, MIT, MITWPL, Cambridge, Mass.

- BARBOSA, Pilar (1996), «Clitic Placement in European Portuguese and the Position of Subjects», in A. Halpern and A. Zwicky (eds.), *Approaching Second: Second Position Clitics and Related Phenomena*, pp. 1-40, Stanford, Calif., CSLI Publications.
- \_\_\_\_\_, (2000a), «Clitics: a Window into the Null Subject Property», in João Costa (org.), *Essays in Portuguese Comparative Syntax*, New York, Oxford Press.
- \_\_\_\_\_, (2001), «On Inversion in *Wh*-questions in Romance», in A. Hulk e J.-Y. Pollock (orgs.), *Romance Inversion*, New York, Oxford Press, pp. 20-90.
- \_\_\_\_\_, (2006a), «Ainda a questão dos sujeitos pré-verbais em Português Europeu: uma resposta a Costa (2001)», in *Revista D.E.L.T.A.* n.º 22, n.º 2, pp. 345-402, S. Paulo, PUC-SP-LAEL.
- \_\_\_\_\_, (2006b), «Minimalidade e Predicação», in Fátima Oliveira e Joaquim Barbosa (orgs.), *XXI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística. Textos seleccionados*, Lisboa, Edições Colibri, pp. 183-201.
- CHOMSKY, Noam (1977), «On *wh*-Movement», in Peter Culicover, T. Wasow and A. Akmajian (eds.), *Formal Syntax* 71-132, New-York, Academic Press.
- CHOMSKY, Noam (1981), *Lectures on Government and Binding*, Foris.
- CHOMSKY, Noam (1986), *Knowledge of Language*, Praeger.
- CHOMSKY, Noam (1995), *A Minimalist Program for Linguistic Theory*, Cambridge, MIT Press.
- CHOMSKY, Noam (2000), «Minimalist Inquiries: The Framework», in R. Martin, D. Michaels & J. Uriagereka (eds.) *Step by Step: Essays on Minimalist Syntax in Honor of Howard Lasnik*. Cambridge, Mass., MIT Press, pp. 89-156.
- CHOMSKY, Noam (2001), «Derivation by Phase», in M. Kenstowicz (ed.) *Ken Hale: A Life in Language*. Cambridge, Mass., MIT Press, pp. 1-52.
- CINQUE, Guglielmo (1990), *Types of A'-dependencies*, The MIT Press, Cambridge.
- COSTA, João (1998), *Word Order Variation. A Constraint-based Approach*. The Hague: Holland Academic Graphics.
- \_\_\_\_\_, (2001), Spec, IP ou Deslocado? Prós e contras das duas análises dos sujeitos pré-verbais, *DELTA*, 17(1), 283-304.
- COSTA, João / Inês Duarte (2002), «Preverbal subjects in null subject languages are not necessarily dislocated», *Journal of Portuguese Linguistics*, 2, pp.159-176.
- COSTA, João / Ana Maria Martins (2003), Clitic placement across grammar components, artigo apresentado no encontro Going Romance 2003 (Seventeenth Conference on Romance Linguistics). Nijmegen.
- DUARTE, Inês (1983), Variação Paramétrica e Ordem dos Clíticos. *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa* 50: 158-78.
- \_\_\_\_\_, (1987), «A Construção de Topicalização na Gramática do Português: Regência, Ligação e Condições sobre Movimento». Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa.



- DUARTE, Inês / Gabriela Matos / Isabel Faria (1995), «Specificity of European Portuguese Clitics in Romance», in Isabel Faria / M. João Freitas (orgs.), *Studies in the Acquisition of Portuguese*, pp. 129-154, Lisboa, APL/Colibri.
- DUARTE, Inês / Gabriela Matos (2000), «Romance Clitics and the Minimalist Program», in João Costa (ed.), *Essays in Portuguese Comparative Syntax*, pp.116-142, New York, Oxford Press.
- DUARTE, Maria Eugenia L. (1995), *A Perda do Princípio «Evite pronome» no Português Brasileiro*. Dissertação de Doutorado, UNICAMP.
- EMBICK, David (2006), «Linearization and Local Dislocation: Derivational Mechanics and Interactions», Ms. University of Pennsylvania.
- EMBICK, David / Ralph Noyer (2001), «Movement Operations after Syntax». *Linguistic Inquiry* 32: 4, pp. 555-596.
- FROTA, Sónia (2000), *Prosody and Focus in European Portuguese. Phonological Phrasing and Intonation*, New York, Garland Publishing.
- FROTA, Sónia / Marina Vigário (2000), «Aspectos de Prosódia Comparada: Ritmo e Entoação no PE e no PB», in Rui Vieira de Castro / Pilar Barbosa (eds.), *Actas do XV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, 533-555.
- FROTA, Sónia / Marina Vigário (2000), «Efeitos de Peso no Português Europeu», in Maria Helena Mira Mateus / Clara Nunes Correia (eds.), *Saberes no Tempo. Homenagem a Henriqueta Costa Campos*, pp. 315-333, Lisboa, Edições Colibri.
- HALLE, Morris / Alec Marantz (1993), «Distributed Morphology and the Pieces of Inflection», *The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Syvain Bromberger*, The MIT Press.
- HALPERN, Aaron (1995), *Topics in the Placement and Morphology of Clitics*. Stanford, Calif., CSLI Publications.
- HALPERN, Aaron / Arnold Zwicky (eds.) (1996), *Approaching Second: Second Position Clitics and Related Phenomena*. Stanford, Calif., CSLI Publications.
- IATRIDOU, Sabine (1991), *Clitics and Island Effects*. Ms. MIT.
- KAYNE, R. (1991), «Romance Clitics, Verb Movement and PRO». *Linguistic Inquiry* 22: 647-686.
- MADEIRA, Ana Maria (1992), «On Clitic Placement in European Portuguese», in H. van Koot (ed.), *UCL Working Papers in Linguistics 4*, London, University College, pp. 95-122.
- MAGRO, Catarina (2008), «Clíticos: Variações sobre o Tema», Dissertação de Doutorado, Universidade de Lisboa.
- MARANTZ, Alec (1988), «Clitics, Morphological Merger, and the Mapping to Phonological Structure», in M. Hammond and M. Noonan (eds.), *Theoretical Morphology*, New York, Academic Press.
- MARTINS, Ana Maria (1994), *Clíticos na História do Português*, Dissertação de Doutorado, Universidade de Lisboa.
- KATO, Mary A. (1999), «Strong and Weak Pronominals in the Null Subject Parameter». *Probus* 11, pp. 1-37, The Netherlands, Walter de Gruyter.

- NESPOR, Marina / Irene Vogel (1986), *Prosodic Phonology*, Dordrecht, Foris.
- ORDÓÑEZ, FRANCISCO (1998), «Post-verbal asymmetries in Spanish». *NLLT* 16, pp. 313-346.
- POLLOCK, Jean-Yves (1997), *Langage et Cognition: Introduction au Programme Minimaliste de la Grammaire Générative*, Paris, Presses Universitaires de France.
- RAPOSO, Eduardo (1994), «Affective Operators and Clausal Structure in European Portuguese and European Spanish», ms., University of California at Santa Barbara.
- \_\_\_\_\_, (1996), «Definite/Zero Alternations in Portuguese: Towards a Unification of Topic Constructions», in A. Schwegler, B. Tranel and M. Uribe-Etxebarria (eds.) *Romance Linguistics: Theoretical Perspectives*, pp. 197-212, John Benjamins Co., Amsterdam.
- \_\_\_\_\_, (2000), «Clitic Positions and Verb Movement», in *Portuguese Syntax: New Comparative Studies*, ed. by J. Costa, pp. 266-297. New York, Oxford University Press.
- RAPOSO, Eduardo & URIAGEREKA, Juan (2005), «Clitic Placement in Western Iberian: A minimalist view», in *Handbook of Comparative Syntax*, ed. by Guglielmo Cinque / Richard Kayne, pp. 639-697. Oxford, Oxford University Press.
- RIGAU, Gemma (1987), «Sobre el Carácter Quantificador de los Pronombres Tónicos en Catalán», in Violeta Demonte and Marina Fernández Lagunilla (eds.), *Sintaxis de las lenguas Románicas*, Madrid, Textos Universitarios.
- ROUVERET, Alain (1992), «Clitic Placement, Focus and the Wackernagel Position in European Portuguese», ms., University of Paris-8.
- SELKIRK, Elizabeth (1984), *Phonology and Syntax*, Cambridge, MIT Press.
- \_\_\_\_\_, (1986), «On Derived Domains in Sentence Phonology», *Phonology Yearbook*, Cambridge University Press.
- \_\_\_\_\_, (1993), «The Prosodic Structure of Function Words», ms. University of Massachusetts/Amherst.
- URIAGEREKA, Juan (1995), «Aspects of the Syntax of Clitic Placement in Western Romance». *LI* 26, pp. 79-123.
- VALLDUVÍ, Enric (1990), *The Informational Component*, Dissertação de Doutorado. University of Pennsylvania.
- \_\_\_\_\_, (1992), «A Preverbal Landing Site for Quantificational Operators». In *Catalan Working Papers in Linguistics 1992*, pp. 319-344, Barcelona, Universitat Autònoma de Barcelona.
- VIGÁRIO, Marina (2003), *The Prosodic Word in European Portuguese*, Berlin, Mouton de Gruyter.
- ZUBIZARRETA, Maria Luisa (1998), *Word Order, Prosody and Focus*, Cambridge, MIT Press.